

SAUSSURE E VOLOCHÍNOV: UMA RELAÇÃO CONTURBADA

Sandra Cristina Porsche¹

scporsche@terra.com.br

RESUMO: A lingüística estruturalista saussuriana teve recepção díspar na União Soviética de Bakhtin. Enquanto alguns lingüistas russos exaltavam as teses saussurianas, houve quem as criticou severamente como Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Essa crítica presente na obra já foi analisada por vários autores que mostram as inconsistências de certas afirmações quando comparadas ao arcabouço teórico da escola de Genebra. Volochínov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, embora critique duramente a lingüística do objetivismo abstrato, na qual inclui Saussure como expoente, consegue, ainda assim, propor uma integração entre a sua visão e a da Lingüística Estrutural. Este artigo examina essas questões, apontando alguns aspectos novos em relação às posições teóricas de Volochínov sobre a lingüística do objetivismo abstrato.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Bakhtin.

INTRODUÇÃO

Para o leitor de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), livro cuja verdadeira autoria é objeto de intermináveis controvérsias², fica evidente o ataque de Volochínov ao objetivismo abstrato, corrente de estudos lingüísticos na qual insere Saussure como representante mais notório. A outra corrente atacada é o subjetivismo idealista.

O autor inicia o capítulo 4 questionando a real natureza do objeto da filosofia da linguagem e anuncia o propósito de seu intento: delimitar-lhe as fronteiras exatas, sem, no entanto, buscar resposta para o que é a linguagem, o que é a palavra³. Para tanto,

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e aluna do Doutorado em Lingüística Aplicada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

² Não nos deteremos na análise da questão da autoria, já discutida por muitos autores, mas atribuiremos a autoria a Volochínov, tendo em vista ser pouco razoável que Bakhtin, se tivesse escrito o livro, apresentasse duas posturas diametralmente opostas nas suas preocupações epistemológicas.

³ Quanto à terminologia adotada por Volochínov em MFL, limitamos-nos a lembrar o leitor sobre as oscilações presentes em sua obra, que, muitas vezes, estão no próprio texto e muitas vezes devem-se também às traduções. No primeiro parágrafo do capítulo sendo comentado, já percebemos uma dificuldade na edição que usamos, pois, ao questionar-se sobre a utilidade da linguagem e da palavra, e ao

expõe inicialmente as dificuldades em captar um objeto tão complexo. Afirma que, sob qualquer ponto de vista que seja abordado, na tentativa de isolamento de suas propriedades, excluem-se elementos fundamentais de sua composição, o que, aliás, Saussure também afirmou.

Em seguida, nos capítulos 5 e 6, Volochínov mostra como a filosofia da linguagem procurou resolver essa difícil tarefa de delimitação de seu objeto de estudo e passa a esmiuçar, avaliar e criticar as duas correntes predominantes da lingüística: objetivismo abstrato e subjetivismo idealista.

Nosso objetivo neste texto é efetuar uma comparação entre essa crítica, conforme apresentada em MFL, e as análises da crítica por Lähteenmäki (2006), Faraco (2003 e 2006), Flores (2002) e Teixeira (2004), de modo a sistematizar o que já foi apontado e verificar se há outros pontos de análise possíveis. Comentaremos apenas a crítica ao objetivismo abstrato, visto que parece residir aí um grande incômodo a alguns lingüistas, ao se colocar Saussure como o representante mais significativo dessa corrente. Nosso avanço em relação aos autores que examinam a crítica de Volochínov é mostrar a relação entre Saussure, Jan Baudouin de Courtenay e Sergei Karcevski, lingüísticas que atuavam na Rússia na época de Volochínov. Courtenay trabalhou na Universidade de São Petersburgo e, conforme aponta Lähteenmäki (2006), possuía uma teoria social da linguagem considerada pelos lingüistas de Leningrado como antecessora em relação às idéias de Saussure na União Soviética. O lingüista russo Karcevski emigrou para Genebra em 1909, freqüentou alguns dos cursos de Saussure e, posteriormente, no retorno à União Soviética, palestrava sobre a lingüística saussuriana na Academia Russa de Ciência, conforme se lê em Bouissac (2007).

Os críticos da crítica de Volochínov a Saussure mostram que as afirmações do autor não resistem a uma análise atenta. Nesses autores encontramos similaridades e aspectos distintos no tratamento da questão, mas resta como definitivo o fato de que Volochínov não critica o sistema objetivista abstrato amparado por uma interpretação adequada dos conceitos saussurianos, dentro de seu próprio quadro conceitual.

Utilizamo-nos de referências ao *Escritos de Lingüística Geral* (ELG), em determinados momentos, não como forma de apresentar contra-argumentos ao que Volochínov expõe, visto que o autor não teve acesso aos textos escritos pelo próprio

anunciar que não pretende alcançar respostas, o autor faz uso do plural. “não se trata, evidentemente, de formular perfeitas definições **destes conceitos** de base”. (p.71, grifo nosso) Teríamos aí o conceito de concreto e abstrato?

Saussure, mas para mostrar que a teoria saussuriana não se resume aos postulados do objetivismo abstrato apresentados em MFL. Utilizamos, predominantemente, o *Curso de Lingüística Geral* (CLG) para traçar os paralelos necessários entre o que Volochínov afirmou e o que Saussure propunha.

1. A RETÓRICA DE VOLOCHÍNOV

Concordamos com Faraco (2006) quando afirma que os leitores se deixaram seduzir pela retórica de Volochínov⁴.

Um dos aspectos mais interessantes da recepção das idéias do Círculo de Bakhtin no Brasil é, certamente, o fato de os leitores terem se deixado seduzir pela retórica de Voloshinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. A crítica que ele desenvolveu, na segunda parte do livro, às duas principais tendências do pensamento lingüístico de seu tempo – que ele denominou de “objetivismo abstrato” e “subjetivismo idealista” – foi tomada, entre nós, como juízo condenatório definitivo daquelas tendências. E, como tal, foi sendo, em paráfrases quase-perfeitas, repetida “ad nauseam”, em teses, dissertações, artigos, comunicações e conferências (2006: p.125).

Volochínov possui grande habilidade retórica, mas é nessa mesma eloqüência que encontramos as brechas para atacar alguns de seus argumentos mais fortes, através do escrutínio de seus dizeres em comparação aos construtos saussurianos. Se não é possível delimitar o objeto *linguagem* sem inseri-lo na prática social dos indivíduos que a utilizam, conforme Volochínov, por decorrência, também não é possível criticar posições epistemológicas sem antes considerar o contexto de sua produção, no caso, sem mergulhar no complexo social de sua enunciação. Volochínov não procede assim ao fazer a crítica a Saussure, pois alinha os pensamentos saussurianos aos do objetivismo abstrato, sem reconhecer o lugar de produção do discurso de Saussure, minimizando, inclusive, qualquer colocação que se relacione com o componente social da linguagem, tão presente em Saussure, tão caro ao autor e cuja importância foi tão deliberadamente diminuída em MFL. Isso nos permite levantar a hipótese de que Saussure não foi devidamente estudado por Volochínov.

Volochínov adota uma postura cartesiana e positivista ao efetuar a crítica ferrenha sem a devida inserção no contexto saussuriano, desconhecendo, certamente, os pontos de vista a partir dos quais Saussure constrói suas teses e desconsiderando outros

⁴ Faraco atribui autoria de MFL a Volochínov e explicita suas razões.

aspectos de seu discurso que colocariam em xeque determinadas afirmações sobre o objetivismo abstrato.

Em MFL, Volochínov dedica o capítulo 4 para apresentar as duas correntes nos estudos lingüísticos que se propõe a examinar. O capítulo 5 é reservado para submetê-las a críticas, enquanto o capítulo 6 constitui sua proposta alternativa. É importante observar que o autor apresenta uma série de postulados do objetivismo abstrato (a partir da página 79 da edição que utilizamos) sem ainda referir-se a Saussure, o que apenas acontece a partir da página 87. O próprio autor nos fornece pistas que permitem a formulação da hipótese de que a crítica do objetivismo abstrato não confere com Saussure, quando afirma que: “Outros representantes da mesma orientação (Meillet, por exemplo) são mais críticos e percebem a natureza abstrata e convencional do sistema lingüístico” (BAKHTIN, 2006: p. 95). Ou seja, é exatamente esse o pensamento de Saussure: a língua é uma convenção, de natureza abstrata, no cérebro dos falantes, o que fica evidente em qualquer leitura não aprofundada de Saussure. Além disso, Meillet foi discípulo de Saussure, o que é indicativo de que Volochínov desconhece informações básicas que situem adequadamente as proposições teóricas saussurianas.

Igualmente, antes de iniciar sua crítica ao objetivismo abstrato, um dizer que não pode passar despercebido por qualquer leitor atento é a afirmação do autor de que vai limitar-se às questões epistemológicas de base, num ato intencionado de ler o objetivismo abstrato apenas nas suas premissas básicas e não no seu pensamento integral, incluindo Saussure nesse contexto. Essa seria uma atitude de precaução para justificar qualquer decorrência de suas afirmações por não familiaridade com a teoria saussuriana?

Desse modo, discordamos de Lähteenmäki (2006) quando afirma que Volochínov apresenta uma crítica *detalhada* das idéias de Saussure e que a crítica ao objetivismo abstrato é dirigida a ele. Parece-nos, sim, que a crítica de Volochínov é endereçada ao movimento como um todo, do qual, erroneamente, ele supõe que as idéias de Saussure confirmam integralmente. Tanto é assim que, dentro do objetivismo abstrato, o autor inclui os estudos clássicos da filologia, as gramáticas racionais e a escola dos neogramáticos, entre outros, cujos métodos e objetos Saussure conhecia muito bem, mas não reconhecia como modelos ideais para a lingüística.

Flores, em artigo sobre a relação de Bakhtin/Volochínov com Saussure, também deixa entrever que o objetivismo abstrato não corresponde integralmente ao plano teórico de Saussure, ao utilizar o futuro do pretérito em: “Interessa aqui apenas a

segunda, já que a ela *estaria* ligado o nome de Saussure” (2002: p. 22, grifo nosso), justificando a abordagem do objetivismo abstrato em seu texto.

Passaremos a apresentar as linhas conceituais atacadas em MFL, mostrando os contrapontos, conforme a teoria saussuriana, e as respostas às críticas de Volochínov pelos autores anteriormente citados.

2. A CONJUGAÇÃO DA ESTRUTURA COM A ATIVIDADE DA LINGUAGEM

Faraco (2006) mostra como a proposta de Volochínov, de uma síntese dialética das correntes do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista, não passa de um truque, visto que, se o objetivo é uma síntese dialética, ele deveria conjugar sistema e atividade, o que não faz, ficando apenas com a linguagem como atividade. Ou seja, uma síntese dialética deveria assumir a premissa básica de cada orientação e propor uma nova posição integradora. Para Faraco (2003) Volochínov não recusa radicalmente o subjetivismo idealista, uma vez que aceita a concepção de linguagem como atividade de Humboldt, ainda que confira a ela uma dimensão sociologizante. Porém, para Faraco, o autor rechaça definitivamente o objetivismo abstrato.

Teixeira (2004) considera a posição de Volochínov sobre a lingüística objeto de controvérsias entre os estudiosos de Bakhtin. No texto em que trata da relação concreto/abstrato em Bakhtin/Volochínov, a autora afirma que alguns julgam a posição do autor coerente, já que ele não descarta o componente estrutural; outros afirmam haver recusa radical da estrutura, e há, ainda, quem diga que ele, ora admite a dimensão abstrata e estrutural da língua, ora a recusa. Certamente tais posturas relacionam-se diretamente ao problema da autoria. Em MFL, cuja autoria atribuímos a Volochínov, ora a estrutura é recusada, ora é admitida. Para Teixeira (2004), porém, o capítulo 7 de MFL é prova de que sua postura é de integração da estrutura e da atividade, vendo nisso uma tentativa de redimensionar o estudo da linguagem de forma a integrar o concreto e o abstrato. Flores (2002) conclui que Volochínov recusa a proposta estruturalista como forma de estudar a língua em MFL, ao passo que admite sua legitimidade em outros textos. Faraco também admite haver uma negação radical do “objetivismo abstrato” em MFL, mas aponta a posição contraditória do próprio autor em determinadas partes da obra.

Os examinadores da crítica concordam com o fato de que seu posicionamento é paradoxal, mas, para Faraco, ele não consegue avançar na questão e oferecer uma possibilidade ao problema do estrutural na linguagem, criando para si um nó teórico, principalmente quando introduz a distinção sinal/signo:

... um vácuo teórico: ele não consegue falar do enunciado sem admitir que há nele uma face reiterável (que ele chama de *sinalidade*); no entanto, não encontra elementos para caracterizar a sua natureza e termina por fazer a afirmação claramente esdrúxula de que o componente da *sinalidade* existe na língua, mas não como constituinte da língua como tal (p. 69). O que pode ser isso que existe na língua, mas não é constituinte dela? (FARACO, 2003: p.128, grifos do autor).

Diferentemente do autor, não consideramos tão esdrúxula a sua afirmação: “Disso não se conclui que o componente de 'sinalidade' e seu correlato, a identificação, não existam na língua. Existem, mas não como constituintes da língua como tal” (2006: p. 97), pois, se tomarmos essa frase em seu contexto, perceberemos que Volochínov faz uso da expressão “língua como tal”, que pode ser lida: “língua da forma como a concebo”. Desse modo, o componente de sinalidade está na língua, conforme o conceito de língua do objetivismo abstrato, mas não na língua conforme concebida por Volochínov. Ou seja, a sinalidade entra na língua, mas nessa língua cuja conceituação não confere com a da visão estruturalista. Mais adiante Volochínov escreve: “No processo de assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a ‘sinalidade’ e o reconhecimento, que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua” (2006: p. 97). Ou seja, a estrutura ainda não se tornou língua com sentido, no uso, conforme definida pelo autor. Em relação a isso, pensamos como Flores (2002) e Teixeira (2004), que é possível, sim, ver uma posição integradora em Volochínov, como é atestado no capítulo 7, *Tema e significação na língua*, em que o autor admite a existência da *langue*. É claro que ele acaba adotando posturas díspares em MFL. Assim, para Volochínov, a língua é atividade, não pré-existe ao uso. O que pré-existe é o sinal. Ou seja, o sinal que se torna signo no uso. Na verdade, Volochínov propõe uma saída para conjugar a relação estável x instável na significação, como também aponta Faraco:

Como formulação semântica geral, parece-nos uma diretriz adequada: ela constitui, de fato, o núcleo de qualquer discussão pertinente sobre a significação na linguagem. Ela antecipa, por várias décadas, o desafio que continua a nos perseguir nas disciplinas da significação, isto é, engendrar modelos semânticos capazes de dar conta desta correlação (FARACO: 2003, p. 128).

Desse modo, o sinal não pertence à língua em seu uso, mas entra na constituição do signo, e configura-se no aspecto reiterável da língua, sem o qual não haveria a possibilidade de existir a convencionalidade que ninguém, nem mesmo Volochínov, nega. Também Saussure jamais acreditou na pura sinalidade da língua ao afirmar que procura combater a suposição tradicional de que “... a palavra possui uma significação absoluta que se aplica a um objeto determinado” (2002: p. 70). Além disso, nos ELG, Saussure admite a segunda existência do signo, que podemos aproximar da relação sinal/signo em Volochínov. Saussure afirma que “... o fenômeno primordial da linguagem é a associação de um pensamento a um signo; e é justamente esse fato primordial que é suprimido na transmissão do signo” (SAUSSURE, 2004: p. 46). Ou ainda:

A existência que se pode atribuir ao signo só está, em princípio, na associação que o espírito faz dele com uma idéia: por isso, podemos e devemos nos surpreender pelo fato de se tornar necessário conceder ao signo uma segunda existência, que não depende da idéia à medida que se avança no tempo. Essa segunda existência, é essencial observar, só se manifesta ou encontra sanção tangível no instante em que há, um em face do outro, um passado e um presente, enquanto a primeira é imediatamente contida no presente. Em compensação, a segunda existência do signo (através do tempo) só se mantém quando se isola o signo de sua significação e de qualquer significação que lhe sobrevenha (2004: p. 52).

É mister salientar, porém, que Volochínov não constrói um modelo para a integração do interno e externo da linguagem, apenas apontando um caminho possível.

3. O SOCIAL E O INDIVIDUAL NA LINGUAGEM: A LÍNGUA E A FALA DE SAUSSURE

Esse ponto relaciona-se com os aspectos discutidos acima. Optamos por mantê-lo separadamente, abordando agora a integração estrutura/atividade em relação ao sujeito que utiliza a língua.

O autor de MFL se aproxima de Saussure ao mostrar a natureza social da linguagem, mas este é mais claro ao tratar da participação do signo na constituição da língua, visto que, para ele, não há língua sem signo, e a língua é um conjunto de signos constituído através do consentimento coletivo. Para Saussure os signos estão depositados nos cérebros dos falantes e a língua é consagrada socialmente. “A língua é social ou então não existe. A língua, para se impor ao espírito do indivíduo, deve antes

ter a sanção da coletividade” (2002: p. 258). Em MFL encontramos um posicionamento semelhante: “... o *signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados*. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada a sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 2006: p. 63, grifos do autor).

Volochínov ignora deliberadamente as discussões de Saussure sobre o aspecto social da linguagem ou da língua como um sistema de signos. Ou seja, o autor não ataca o objetivismo abstrato sob o viés da teoria sógnica saussuriana, o que também é apontado por Lähteenmäki (2006). O ataque se dirige claramente à noção de língua como sistema objetivo e abstrato de normas sociais imutáveis que está longe de aproximar-se de Saussure.

Volochínov afirma que, para o objetivismo abstrato, a língua domina o fluxo da fala (2006: p. 79), mas, para Saussure: “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (2001: p. 16). Antes, porém, Saussure define a fala como geradora de todas as modificações:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes [...] Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta (2001: p. 27).

Uma vez de posse desse duplo princípio de classificação, pode-se acrescentar que *tudo quanto seja diacrônico na língua não o é senão pela fala*. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso (2001: p. 115, grifos do autor).

A afirmação de Saussure de que a fala se opõe à língua como o social ao individual é considerada o *proton pseudos* da teoria saussuriana por Volochínov. Essa leitura está correta, visto ser, de fato, estranho considerar a língua como produto social e não admitir que haja na fala uma parte social; que ela seja totalmente individual. Mas, nesse sentido, lembramos que o conceito de fala não é bem elaborado no CLG, ainda que intimamente relacionado ao conceito de língua, como apontado por Flores. Saussure inclusive anuncia uma Lingüística da fala, não sendo possível, então, afirmar que a fala é negligenciada na teoria saussuriana.

4. OS CONCEITOS DE SINCRONIA E DIACRONIA

Flores (2002) concorda com Faraco ao afirmar que Volochínov não avalia o sentido de descrição sincrônica dentro do plano conceitual de Saussure. A sincronia em Saussure é um recorte teórico-metodológico e não se relaciona a uma percepção do falante, como entende o autor de MFL:

O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência de um locutor de uma dada comunidade lingüística num dado momento da história. [...] Todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga; somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regida por essas normas (BAKHTIN, 2006: p. 94).

Conforme Flores (2002), o conceito de história de Volochínov e o conceito de diacronia também não conferem. O conceito de diacronia é epistemológico e não se relaciona com a história natural, mas não foi compreendido, como ilustram as passagens abaixo:

Entretanto, o objetivismo abstrato dota a forma lingüística de uma substância própria, torna-a um elemento realmente isolável, capaz de assumir uma existência histórica separada, independente.¹¹ Isso é perfeitamente compreensível já que se nega ao sistema, como um todo, o direito ao desenvolvimento histórico (BAKHTIN, 2006: p. 108-109).

Mas, para Saussure:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável (SAUSSURE, 2004: p. 80).

Lähteenmäki une-se a Faraco e Flores: “No entanto, a distinção entre os pontos de vista sincrônicos e diacrônicos [sic] é metodológica e, como tal, não constitui uma alegação ontológica” (2006: p. 196). O autor também acrescenta que história e estrutura lingüística estão ontologicamente ligadas na concepção de Saussure. Igualmente, em relação à história, Flores destaca que Saussure não a rejeita, afirmando estar na língua, mas opta pela sincronia como procedimento teórico-metodológico, pois não vê a possibilidade de generalização dos fatos diacrônicos. As próprias palavras de Saussure

atestam isso: “Que a linguagem é, a cada momento de sua existência, *um produto histórico*, isso é evidente” (2004: p. 180, grifos do autor). Ou seja, Saussure admite que os fatos históricos mudam a língua, principalmente quando trata da mutabilidade e da imutabilidade do sistema lingüístico: “Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição” (2001: p. 86). Ou ainda:

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações (2001: p. 93).

Nenhum psicólogo, moderno ou antigo, ao fazer alusão à língua, ou mesmo ao considerá-la como veículo do pensamento, teve, por um instante sequer, uma idéia qualquer de suas leis. Todos, sem exceção, imaginam a língua como uma forma fixa e todos, também sem exceção, como uma forma convencional. Eles se movimentam naturalmente no que chamo de seção horizontal da língua, mas sem a menor idéia do fenômeno sócio-histórico que provoca o turbilhão de signos na coluna vertical e impede que se faça dela um fenômeno fixo ou uma linguagem convencional, já que é o resultado incessante da ação social, imposta além de qualquer escolha (2004: p. 92).

Ao tratar da lei sincrônica e da lei diacrônica, no item 6, capítulo II do CLG, Saussure questiona se os fatos da língua são regidos por leis, assim como as instituições são regidas pelas prescrições. Todas as leis que regem as coletividades, segundo Saussure, são gerais e imperativas. Na análise que segue o questionamento, Saussure alega que a lei sincrônica é geral, mas não imperativa, e que a lei diacrônica é particular e imperativa, portanto não é lei por não ser geral. Isso confere com Volochínov quando afirma que, se olharmos a língua “de cima, com um olhar objetivo, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis” (2006: p. 93). O sistema lingüístico não é normativo em momento algum.

Sincronia e estrutura da língua não se confundem em Saussure. Adotar um ponto de vista sincrônico para o estudo da língua não se equipara a afirmar que a língua se apresenta ao indivíduo como um sistema rígido de normas, mas refere-se ao conjunto de regularidades que o lingüista observa ao proceder o estudo da língua. Não utilizar o ponto de vista diacrônico para o exame da língua também não significa excluir a história como componente da língua, uma vez que ela é interna ao sistema, mas é recortar o objeto e analisá-lo pela perspectiva adequada ao plano teórico proposto.

5. O CONCEITO DE LÍNGUA COMO NORMA IMUTÁVEL

Outro aspecto a ser ressaltado é a conceituação de língua apresentada como marca do objetivismo abstrato: língua como um conjunto de normas. Volochínov aponta, no início do capítulo 4, que esse movimento considera a língua como um sistema de traços fonéticos, gramaticais e lexicais e a considera um sistema de normas fixas. “O ato individual de emissão de todo e qualquer som só se torna ato lingüístico na medida em que se ligue a um sistema lingüístico imutável (num determinado momento de sua história) e peremptório para o indivíduo” (BAKHTIN, 2006: p. 81). Há uma antítese saussuriana a pôr em xeque a afirmação, visto que Saussure reconhece a mutabilidade do sistema lingüístico, nunca afirmando que a língua se apresenta ao indivíduo como sistema peremptório, mas como um conjunto de hábitos lingüísticos. Saussure também diz que “... não existem, jamais, características permanentes, mas apenas transitórias [na língua] e, além disso, delimitadas no tempo;...” (2004: p. 144).

Assim, há uma interpretação errônea da palavra norma por parte de Volochínov, visto que Saussure jamais pensou no sistema como norma, mas trata, sim, do sistema lingüístico como “... um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [da linguagem] nos indivíduos” (2001: p. 17). A palavra norma é utilizada nesse sentido de convenção coletiva, e não como regra imposta. Ele mesmo dedica duas páginas, no CLG, item 6 do capítulo *A lingüística estática e a lingüística evolutiva*, para desfazer qualquer interpretação da língua como um sistema de normas imperativas: “se se fala de lei em sincronia, é no sentido de ordem, de princípio, de regularidade. Ou seja, é com a acepção de “expressão de uma ordem vigente” (2001: p. 109). E, ainda, quando não considera a sincronia como “uma obrigação relativa às pessoas que falam” (2001: p.108) ou que “na língua, força alguma garante a manutenção da regularidade quando ela reina em algum ponto [...] E a ordem que ela define é precária, precisamente porque não é imperativa” (2001: p.109).

Desse modo, a língua não é imutável, não é uma norma e não é imposta ao indivíduo, mas resulta da convenção da coletividade; de um contrato social. Saussure inclusive faz questão de destacar que ela não se compara a nenhuma outra instituição social. A analogia é apenas ilustrativa, e o próprio Saussure esclarece que ela é diferente das outras instituições sociais, justamente no que concerne ao caráter de não imperatividade de suas leis. Não possui fundamento, então, a afirmação: “Na verdade,

só existe um critério lingüístico: está certo ou errado; além do mais, por correção lingüística deve-se entender apenas a conformidade a uma dada norma do sistema normativo da língua” (BAKHTIN, 2006: p. 81). Concordamos com Flores quando afirma que foi contra o normativismo lingüístico que Saussure se insurgiu. Mais uma vez, Volochínov confunde o sistema da língua delimitado para estudo, como recorte teórico do pesquisador, com a língua do ponto de vista do sujeito.

6. A LÍNGUA COMO SISTEMA OBJETIVO À CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL

Volochínov, ao iniciar o capítulo 5 de MFL, pretende submeter as duas orientações do pensamento lingüístico a uma crítica. Inicia pelo objetivismo abstrato, afirmando que:

Os representantes dessa orientação acentuam constantemente que o sistema lingüístico constitui um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta – e isto representa uma de suas posições fundamentais. E, no entanto, é só para a consciência individual, e do ponto de vista dela, que a língua se apresenta como sistema de normas rígidas e imutáveis (BAKHTIN, 2006: p. 93).

Há duas considerações que merecem destaque nessa passagem. A primeira já comentamos acima: a visão de língua como sistema de normas rígidas e imutáveis, que não confere com as posições de Saussure. A segunda diz respeito à objetividade do sistema que somente poderia se apresentar assim, de acordo com Volochínov, à consciência individual. Conforme aponta Lähteenmäki (2006), Volochínov acusa os seguidores da corrente de ora considerarem a objetividade no sentido científico de metodologia e ora considerarem a objetividade ligada à percepção do usuário da língua.

A inclusão de Saussure entre os que confundiriam sistema objetivo, como percebido pelo falante, e sistema objetivo, do ponto de vista da ciência, não é devida. Para Saussure, conforme o CLG, o sistema se apresenta sempre como objetivo do ponto de vista do pesquisador que examina a língua. Embora Saussure mencione várias vezes que a língua é percebida pela consciência coletiva, essa percepção é aquela que o indivíduo tem de sua língua tal qual ele a conhece, não sendo uma realidade obtida via procedimentos racionais de abstração. O falante de português sabe que não fala inglês, por exemplo. Ou seja, é objetiva no sentido de ser esse o sistema de signos percebido

pela coletividade como sua língua, mas cujas leis lhe são desconhecidas e somente são acessíveis ao pesquisador da língua por procedimentos de abstração. Note-se que Saussure utiliza o plural (coletividade, coletiva, etc.) sempre que trata da percepção da língua pelo falante, e que, ao utilizar as duas acepções do termo objetivo, não há contradição alguma.

Para Volochínov, "Dizer que a língua, como sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva é cometer um grave erro" (2006: p. 94). O autor pergunta-se, em seguida, se a língua se apresentaria como sistema de normas objetivas ao receptor e responde pela negativa. Para ele o receptor não decodifica uma norma, mas a compreende num contexto bem definido, visto que o processo de compreensão não pode ser confundido com o de identificação: o processo é de compreensão do signo e não de identificação do sinal, em que este é absorvido por aquele. "O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada" (BAKHTIN, 2006: p. 96). O signo está sempre presente nas enunciações, carregado de conteúdo e sentido ideológicos, sendo inseparável dele. Acusa, desse modo, o objetivismo abstrato de separar a língua de seu conteúdo.

Volochínov não compreende que a objetividade é um postulado teórico-científico que não se relaciona com o ponto de vista da consciência individual e sim ao ponto de vista do pesquisador. Ou seja, o próprio Volochínov formula uma premissa que atribui ao objetivismo abstrato, mas que não é uma premissa válida, no mínimo, dentro do quadro teórico de Saussure, para depois derrubá-la. "Devemos, agora, perguntar-nos se a língua existe realmente para a consciência subjetiva do locutor unicamente como sistema objetivo de formas normativas e intocáveis. O objetivismo abstrato captou corretamente o ponto de vista da consciência subjetiva do locutor?" E responde: "Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem-determinados. O sistema lingüístico é um produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação" (BAKHTIN, 2006: p. 95). Pois é exatamente isso que faz a teoria de Saussure: abstrair o sistema, estipulando-o como objeto de estudo da Lingüística. Esse sistema é completamente ignorado pelo usuário, "... os indivíduos em larga medida, não têm consciência das leis da língua [sic]; e se não as percebem, como poderiam modificá-las?" (SAUSSURE, 2001: p. 87). Isso

mostra como o jogo retórico de Volochínov é capcioso, visto criticar uma premissa pressuposta e não uma premissa verdadeira dentro do quadro teórico saussuriano.

Se essas afirmações são válidas para outros movimentos do objetivismo abstrato, Volochínov peca por incluir Saussure nesse modelo.

7. A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE SAUSSURE NA UNIÃO SOVIÉTICA

MFL foi escrito nos anos 20, ao passo que o CLG foi publicado em 1916, ou seja, poucos anos antes, sem haver tradução para o russo até 1933, sendo as idéias de Saussure muito recentes no momento da produção de MFL e, aparentemente, ainda não devidamente compreendidas em seu plano teórico global. Além disso, atribuiu-se a Saussure uma influência sobre o formalismo russo que certamente não corresponde aos fatos.

A hipótese que levantamos aqui é o desconhecimento do complexo teórico saussuriano por Volochínov, tendo em vista a recepção tardia dos pensamentos de Saussure na Rússia e indicações do próprio Volochínov, que deixa claro, em nota de rodapé, haver pouco material sobre a história da filosofia da linguagem, alegando existirem apenas pesquisas de grande importância sobre a lingüística e a filosofia da linguagem antigas e poucos estudos consistentes em seu tempo, citando um representante da história das idéias lingüísticas européia, Cassirer, e dois autores russos como textos: Schor, a respeito da crise contemporânea da lingüística, e Peterson, sobre lingüística com algum componente sociológico consagrado. Ou seja, o autor, no desejo de buscar obras que tratem da filosofia da linguagem, não encontra sistematizadas as correntes lingüísticas de forma completa, e, ao procurar por fundamentos para a sua tese, vê-se desprovido de textos que lhe possam auxiliar no intento de situar a linguagem como objeto histórico-ideológico, recorrendo a esse escasso material e às tendências lingüísticas de sua época para construir seus postulados críticos. Também é indicativo lembrar que o autor está mergulhado no contexto da lingüística formalista russa, que não se resume à teoria de Saussure, embora fosse a corrente a cujas concepções o círculo de Bakhtin se opunha diametralmente.

Lähteenmäki (2006) possui por objetivo investigar se há aproximações das críticas de Volochínov e Iakubinski sobre as teorizações de Saussure. Para o autor, é notável o fato de Volochínov ter estudado na mesma Universidade de Leningrado onde

Iakubinski era professor, de ambos terem sido colegas no *Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente* e de terem colaborado para a mesma revista, *Literaturnaia ucheba*. Iakubinski foi influenciado pelas idéias de Courtenay, por ter sido seu aluno, vindo a influenciar Volochínov por seu turno.

Ainda conforme Lähteenmäki, havia dois círculos lingüísticos na Rússia: o de Moscou e o de Leningrado. Neste as idéias de Saussure foram recebidas com menos entusiasmo, uma vez que alguns postulados saussurianos já estavam em Jan Baudouin de Courtenay, lingüista Polonês, que, de forma curiosa, teve contato próximo com Saussure, pois, em 1870, graduou-se na Universidade de Leipzig, dez anos antes da formatura de Saussure na mesma Universidade. Ambos possuíam uma diferença de 12 anos de idade apenas e publicou-se, no Cahiers Ferdinand de Saussure, toda a correspondência entre Saussure e Courtenay a partir dos manuscritos da Universidade de São Petersburgo. Courtenay foi professor em São Petersburgo de 1900 a 1918 e escreveu principalmente em línguas eslavas, com alguns textos em francês, alemão, inglês e italiano. Seu trabalho serviu de base a várias escolas de fonologia, pois foi o primeiro a cunhar o termo fonema em 1876, influenciando as Escolas de Fonologia de Leningrado, Moscou e Praga. Teve impacto forte na teoria de Saussure e já advogava a lingüística sincrônica, concebendo a língua como fenômeno abstrato, ao mesmo tempo estático e dinâmico, e o discurso como ato do indivíduo.

Fez parte do círculo lingüístico de Praga, não mencionado por Lähteenmäki, o lingüista Sergei Karcevsky, responsável por introduzir as idéias de Saussure na Rússia em 1917 e que, tendo que deixar a Rússia novamente devido às circunstâncias políticas, uniu-se a Jakobson na Escola Lingüística de Praga. Jakobson mencionou os conceitos saussurianos de sincronia e diacronia pela primeira vez em 1919 num artigo sobre a poesia khlebnikov e, juntamente com Troubetsky e Karcevski, promulgou o manifesto de Praga, em 1928, no I Congresso de Filologia Eslava. A escola de Praga foi fundada em 1926, quando Jakobson emigrou para a Tchecoslováquia. Portanto, a escola de Praga foi mais diretamente influenciada por Saussure, embora com fortes influências da escola do formalismo russo:

Esta escola de Praga representou uma espécie de transição do formalismo para o estruturalismo. Estes teóricos desenvolveram as ideias dos formalistas, mas sistematizaram-nas dentro do quadro da linguística saussureana. Há quem defenda que os formalistas de Praga foram uma versão científica do *New Criticism* anglo-americano. (CEIA, 2008: p.1)

Lähteenmäki (2006) também aponta as duas perspectivas sob as quais as idéias de Saussure foram recebidas na Rússia: a da Teoria Social Marxista e a Abordagem Sociológica da Linguagem. Os lingüistas da abordagem sociológica aceitaram bem as idéias de Saussure, visto estarem inseridos na abordagem lingüística predominante na época, oriunda do foco na campanha maciça de alfabetização, no início da União Soviética. As novas circunstâncias sociais e políticas exigiam essa abordagem em vista da predominância da teoria social marxista, da influência da abordagem sociológica francesa e, por fim, do estudo da variação dialetal que já se efetuava na tradição lingüística russa.

Lähteenmäki afirma que Shor e Vinogradov foram seguidores da escola de Genebra, na escola de Moscou, círculo lingüístico fundado por Roman Jakobson em 1915, que excluía de seus estudos as abordagens psicológicas e histórico-culturais. Possuíam por objetivo estudar o conjunto de princípios da linguagem poética como um objeto autônomo, independente da linguagem ordinária.

Assim, deve-se relativizar a influência atribuída a Saussure sobre o formalismo russo. Troubetskoy, por exemplo, dirigia críticas a Saussure e não gostava de ser chamado de seu discípulo, conforme se lê abaixo:

Há, no entanto, ao menos nesse ponto, uma clara diferença entre eles. Troubetskoy irritava-se quando o consideravam como discípulo de Saussure. Ele conheceu Saussure através de Jakobson, tardiamente em sua carreira ao mesmo tempo precoce e breve, e a primeira menção que ele faz, em 1923, concerne seu *Mémoire*; quanto ao CLG, ele o leu pouco (2). Falta de interesse que, em sua necrologia de Troubetskoy (1939, in 1971b, p. 502), Jakobson explica pelos fatos de que era um erudito “durch und durch historich eingestellt”, que os problemas de sincronia deixavam “kühl und passiv”. O conjunto da obra pública não comporta não mais que uma dezena de menções, a maior parte críticas (HISTÓRIA das idéias lingüísticas no Brasil, 2008: p.1).

Troubetskoy foi mais influenciado por Courtenay, visto que se dedicou à morfofonologia, tratada pela primeira vez por Courtenay, e, embora isso não seja mencionado com frequência, ele não foi o pioneiro na fundação dos conceitos de sua teoria.

Outro aspecto a mencionar é que o formalismo russo origina-se por volta dos anos 1910 e não corresponde a uma escola com um pensamento unificado, não se alinhando completamente à teoria saussuriana da linguagem, tanto que o próprio

Jakobson criticava Saussure por considerar a mudança lingüística independente dos fatores externos ao sistema.

CONCLUSÃO

A partir da análise do que já se dispõem sobre a questão controversa da crítica a Saussure em MFL, possuímos dados e argumentos suficientes para mostrar que Volochínov desliza ao colocar a escola de Genebra como o expoente da expressão do objetivismo abstrato, uma vez que suas afirmações não se sustentam quando comparadas ao projeto saussuriano. Essa inconsistência na crítica provém de dois fatores principais: a inclusão inadequada de Saussure no que Volochínov rotulou de objetivismo abstrato e a forte influência atribuída a Saussure sobre o formalismo russo, que, como já mencionado, não procede, visto as circunstâncias da introdução do pensamento de Saussure na Rússia.

Se esse texto não acrescentou muito aos anteriores sobre a mesma temática, no mínimo, ele apresenta algumas razões adicionais para a não compreensão do quadro conceitual saussuriano por Volochínov.

Para concluir, salientamos que nosso objetivo não é, em hipótese alguma, rejeitar as idéias de Volochínov, considerando-as, outrossim, inovadoras e importantes para o desenvolvimento da ciência lingüística, como é prova a ampla discussão que hoje é feita das idéias de Volochínov e Bakhtin, haja vista sua abordagem singularmente sócio-histórica, tão presente e necessária na lingüística atual.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
2. BOUISSAC, Paul. *Perspectives on Saussure*. 10 Nov. 2003. Disponível em: <http://www.semioticon.com/people/articles/saussurecompanion.rtf.htm>. Acesso em 01 jul. 2007.

3. CEIA, Carlos. *Formalismo russo*. Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/formalismo_russo.htm. Acesso em 26 out. 2008.
4. FARACO, C. A. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. RJ: Vozes, 2006. p.125-132.
5. _____. *Linguagem e dialogismo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Criar: Curitiba, 2003.
6. FLORES, V. do N. Bakhtin e Saussure: convergências e divergências. In: BEVILAQUA, C. H. Z.; VIANNA, V. L. L.; PIRES, V. L. (orgs.). *Coleção ensaios: Bakhtin: diálogos inconclusos*. n. 5, p.21-26, Dez. 2002.
7. HISTÓRIA das idéias lingüísticas no Brasil. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_06.html. Acesso em 16 set. 2008.
8. LÄTEENMÄKI, Mika. Da crítica de Saussure por Voloshinov e Iakubinski. Tradução de Carlos Alberto Faraco. In: FARACO, C. A. ; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. RJ: Vozes, 2006. p. 125-132.
9. SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
10. _____. *Escritos de Lingüística Geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
11. TEIXEIRA, M. *O círculo de Bakhtin e a lingüística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido*. Texto apresentado na mesa redonda: “Dialogismo e texto na perspectiva da lingüística e da literatura. I Seminário Nacional de Língua e Literatura: O Texto e suas múltiplas vozes. Universidade de Passo Fundo, out. 2004.

RESUMO: A lingüística estruturalista saussuriana teve recepção díspar na União Soviética de Bakhtin. Enquanto alguns lingüistas russos exaltavam as teses saussurianas, houve quem as criticou severamente como Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Essa crítica presente na obra já foi analisada por vários autores que mostram as inconsistências de certas afirmações quando comparadas ao arcabouço teórico da escola de Genebra. Volochínov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, embora critique duramente a lingüística do objetivismo abstrato, na qual inclui Saussure como expoente, consegue, ainda assim, propor uma integração entre a sua visão e a da Lingüística Estrutural. Este artigo examina essas questões, apontando alguns aspectos novos em relação às posições teóricas de Volochínov sobre a lingüística do objetivismo abstrato.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Bakhtin.

ABSTRACT: Saussurean linguistics had an unequal impact in Bakhtinian Soviet Union. While some Russian linguists praised Saussure's theses, there were those who fiercely criticized them like Voloshinov in Marxism and the Philosophy of Language. Such criticism has already been evaluated by different authors who show the inconsistencies of certain ideas when contrasted to the theoretical framework of the Geneva school. In Marxism and the Philosophy of Language, although Voloshinov criticizes linguistics in the abstract objectivism, in which Saussure is included as exponent, he is still able to propose an integration between his points of view and those of structural linguistics. This article examines such issues, highlighting some new aspects related to Voloshinov's theoretical positions regarding Saussure's theory of language.

KEYWORDS: Saussure; Bakhtin.